

Ética e Educação: Os Pronunciamentos Contemporâneos

Cecília Pires ¹

Resumo:

Tal como a Ética, a Educação é dialogal. Ambas externam as experiências culturais da humanidade. Na chamada espécie humana, a marca da racionalidade é o traço distintivo entre os demais seres que não apresentam o componente do logos, do ethos e, portanto, não produzem cultura, expressam a natureza. A pergunta por si mesmo e pelas coisas que a circundam fazem do sujeito uma expressão da inteligência e da consciência. Nas espécies não racionais há ausência da consciência e a ausência da pergunta. Os humanos caracterizam-se pela pergunta, fruto da sua percepção da natureza e do mundo cultural. Para os humanos, o conhecimento é sua sobrevivência, tanto no âmbito da construção teórica, quanto na esfera do saber empírico. Essa sua condição é experimentada pelo exercício da sua racionalidade. O saber humano é um saber de diálogo e de partilha. Desse modo é possível ampliar esses saberes, fazer ciência, avançar na tecnologia e permitir a compreensão das diferenças entre os sujeitos. A ética como produção teórica dos conhecimentos vividos pelos povos e nações é o dado identificador da subjetividade. Há uma profunda vinculação entre o ethos de uma comunidade, de um povo e a identidade cultural. Ao ethos se associa o logos, o verbo, a palavra, a fala. Os sujeitos da razão têm isso como propriedade de sua condição humana. Os demais seres não pronunciam nada, não possuem nem o logos nem o ethos. Não há nem pensamento, nem moralidade, a definir o agir ético. Então, a propriedade da pergunta pertence aos sujeitos produtores de cultura e de procedimentos éticos. Ao se falar em ética e educação, como pronunciamentos

culturais, pense-se na interligação concreta entre fazeres humanos, ações inteligentes, procedimentos discursivos, tarefas práticas.

Palavras-chave:

Ética. Educação. Cultura. Subjetividade. Autonomia.

Abstract:

Such as Ethic, the Education is dialogic. Both of them express the humanity's cultural experiences. In the humans, the mark of the rationality is their distinction trait in relation to the other living beings whom don't have the logos and the ethos components. Therefore they can't produce culture, they simply express the nature. The question about themselves and about the things around, make the humans as an intelligence expression and conscience expression. In the species which don't have rationality there is an absence of awareness and a lack of question. The interrogation describes the humans; it is the result of their perception about nature and cultural world. For the humans the knowledge represents their survival, both in the theory construction and the sphere of experimental knowledge. The human knowledge is a sharing and dialogical knowledge. So then it is possible to broad this knowledge, to make Science and to go forward to the technology. It allows the understanding about the difference between the characters. The Ethic, as a theoretic production of knowledge, is the subjectivity's distinction trait. There is a deep link between the people's ethos and its cultural

¹ Professora de Ética e Filosofia Política no Curso de Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Unisinos.

identity. The verb, the word and the speech are associated to the "logos". The rational characters have them all as a property of their human condition. The others living beings can't say anything, they don't have "logos" or "ethos". There is no thoughts, there is no morality to define an ethic action. The property of the question belong to the characters. They produce culture and ethic procedures. It is necessary to make a real link between human behavior, intelligent action, speech procedures and practical assignment in order to speak deeply about Ethic and Education.

Keywords:

Ethic. Education. Culture. Subjectivity. Autonomy.

Que o jovem não tarde a filosofar,
e que o velho não se canse da filosofia.

Pois ninguém é jovem ou velho
demais para que sua alma se sinta bem.

Quem diz que é cedo ou tarde demais para filosofar,
é como se dissesse que é cedo
ou tarde demais para ser feliz.

Epicuro

Pronunciamentos são falas direcionadas com a intenção de estabelecer compreensões e construir uma relação dialogal. Ao refletirmos sobre os pronunciamentos contemporâneos que podem fazer a Ética e a Educação, registramos três momentos importantes que possibilitam aproximações: a dimensão da pergunta, o discurso da crise e o desejo de felicidade. Pensamos que esses registros trazem em si uma evidência de conceitos e de experiências, cujas elaborações permitem o estabelecimento de vínculos com o interesse de efetivar uma subjetividade autônoma em todos os níveis do processo de humanização.

1. A Dimensão da Pergunta

Começamos por destacar um núcleo comum entre o fazer educativo e o argumento ético. Este núcleo se expressa na interrogação, na capacidade de os sujeitos se interrogarem, produzirem questões, terem horizonte de sentido para suas perguntas. A pergunta pode nascer da simples curiosidade, do não saber, até o impulso interno que deseja maior investigação. Tanto a ética quanto a educação possibilitam pronunciamentos interrogativos individuais, grupais e coletivos. Essa é a experiência intersubjetiva da racionalidade humana, que fundamenta a razão ética e a razão educativa. Ambas se envolvem com as circunstâncias nas quais os sujeitos estão inseridos.

Alinham-se a esse raciocínio algumas questões:

o que pode a filosofia e a ética falarem à educação? O que pode a educação dizer à filosofia e à ética? Parece que transformamos essas áreas de saber em protagonistas, que se falam, que se interrogam, que produzem conceitos. Mas o que queremos mesmo dizer é que esses saberes representam as construções racionais dos sujeitos que com eles se ocupam. Sabemos que, fora das demandas da subjetividade, nada ocorre. São os sujeitos, com seu ethos, sua racionalidade, que postulam conceitos, significados, constroem símbolos, acatam normas e procedimentos, enfim, produzem as diversidades culturais, no âmbito da história. É nesse espaço que se articulam as experiências educativas e éticas.

– O que pergunta a ética?

A ética entra na dimensão do comportamento social, de forma abrangente, verificando a sua diversidade e a sua totalidade. A moral torna-se regulativa, normativa face aos problemas práticos da experiência da vida humana, na sua significação concreta. Como a ética se articula no espaço do sujeito e o sujeito apresenta a dimensão da racionalidade, é possível debater a construção teórica de conceitos éticos baseados na razão, ainda que envolvam o componente das contradições humanas. Lidamos, então, com ambivalências, com pares conceituais de bem e de mal, de paz e de violência, de justo e de injusto, de ordem e de desordem. Tudo isso se refere a valores, que nem sempre são consensuais entre os sujeitos e os grupos. Falando-se em valores, fala-se em ética e fala-se em comportamento. Aí aparece a idéia da eticidade, em que cada sujeito, possuidor de um ethos, manifesta seu modo de ser, apresentando um caráter, que resulta na consciência moral, a partir da internalização de valores, que fazem parte de sua história social e pessoal. Esses valores são valores humanos, que explicitam o *ethos* social.

A ética faz pronunciamentos que podem ser acolhidos por outras áreas do saber que buscam esclarecimentos acerca do homem, de sua cultura e de sua história. Tudo isso tem mediações valorativas, como referimos. Trata-se de um procedimento teórico-prático da racionalidade. É o procedimento hermenêutico dos ocidentais, para quem a estrutura do pensamento lógico é uma questão de sobrevivência.

Os gregos usaram o conceito de phronesis, com o significado de sabedoria prática, que exige a racionalidade prática diferente da racionalidade especulativa. A racionalidade prática sustenta-se na relação causal entre boas razões e eficazes ações. Assim se justifica a finalidade de uma ação, que deverá ser entendida como boa ação. Uma ação, portanto, pode ter boas razões, que se definam como um bem. Para poder tomar decisões, o sujeito deverá ser hábil em usar a phronesis, que é a capacidade racional de escolha. Além disso, é preciso deliberar pelo bem, que, muitas vezes, pode não satisfazer os desejos imediatos, mas permite discernir entre o que é virtuoso ou não.

Se uma perspectiva educacional propõe o uso efetivo da racionalidade prática, irá possibilitar reflexões que considerem o homem articulado na razão da ação. Ou seja, estimulará ações por eficácia, por escolhas boas. A pedagogia grega, particularmente, demonstrava a importância do argumento na justificativa das ações. O apreender era mergulhado em processos de enfrentamento privado e público, fortalecendo argumentos, incentivando debates, evidenciando contradições. A maiêutica socrática é reveladora dessa postura. É uma pergunta que sugere uma nova pergunta e o processo da descoberta se sucede.

Os saberes éticos e educativos buscam facilitar o cotidiano dos sujeitos produzindo instrumentos metodológicos que lhes permitam andar no mundo orientados por compreensões críticas, superando a ingenuidade e a atitude meramente individualista. O sujeito encontra-se, portanto, alimentado por princípios e fundamentos criados por necessidades, sempre na intenção última de ser feliz, usando a sabedoria prática. Em paralelo a isso, na edificação e efetividade dessa racionalidade, formaram-se os elementos específicos das diferentes áreas do saber.

A educação é especialmente atraída pela ética em duas dimensões: a da racionalidade teórica, como estimuladora de conceitos e formulações paradigmáticas; a da racionalidade prática, na medida que assume a dimensão do homem da pólis no seu cotidiano, onde vivencia os conceitos no âmbito da fabricação, lugar da técnica, já articulada na ciência.

Dessa forma, a educação traz perspectivas naturalistas, funcionalistas, pragmáticas, positivistas, racionalistas, dialéticas, segundo o modo de valorar esse ou aquele aspecto do sujeito envolvido no processo. Essas várias perspectivas dão conta dessas múltiplas faces da cena educativa, cujos modelos e direções estudamos, investigamos, criticamos ou assumimos. Há na educação uma significação ética a ser reconquistada diante de uma situação de descaso por parte de um sistema produtivista que quase a aniquilou. O ser e o aparecer da educação evidenciam a sua menor ou maior coerência ética. Nisso se estrutura a dimensão do perguntar e responder, numa circularidade hermenêutica que possibilite o ensinar e o aprender.

2. O Discurso da Crise

Qual a origem da crise? Como medir a crise? Qual a relação entre crise e crítica? É a crise crítica? Como fazer a crítica da crise?

O discurso da crise é um dos momentos mais difíceis de ser entendido na sua exata dimensão. Se é aceito que crise é sinal de movimento, de crescimento de dinâmica social, não poderia ser olhado com desencanto ou desespero. Pois o que está vivo se move e vive crises circunstanciais, cíclicas, estruturais, mas só vive tal situação por estar na dinâmica da vida. Os mortos não têm crise, já a viveram.

Isso posto, podemos avançar para o entendimento da crise como espaço da crítica, ou seja, a crítica assinala medida, critérios que podem ser dimensionados no território da normalidade, se bem administrados. O que inquieta é uma crise sistêmica, sem horizontes de intervalos, sem perspectiva de solução. E isso, ou tememos ou enfrentamos. Esse é o fenômeno da ética e da educação, quando se alinham como espaços da crise, no sentido de ausência de algo direcionado para o bem.

E agora olhemos o fenômeno do medo. Quando crianças, tivemos medo do desconhecido, do escuro, do estranho, dos animais e até mesmo das pessoas. Tudo isso porque o imaginário infantil não consegue decodificar ainda o real e o imaginário, o que é bom e o que agride, tudo está na nebulosa de uma compreensão ainda inicial. Por isso o sujeito-criança se sente ameaçado com a crítica, pois não é capaz de elaborar o sintoma da crise. À medida que a criança cresce, sua compreensão do mundo e das pessoas acompanha seu crescimento e seus juízos começam a se estabelecer não tão rigorosos, mas dirigidos a uma relação de causa e efeito. Por exemplo: é-lhe dito que não se deve mentir, mas ela observa a todo momento que pessoas próximas a ela mentem, enganam, até mesmo fazem maldades e crueldades com os seres da natureza e com os seres da cultura. Então, seu imaginário se perturba, pois, afinal, o que é permitido fazer, para o adulto (em termos de atitudes), não o é para a criança?

E como fica esse pronunciamento ético e educativo para o pequeno aprendiz? Na continuidade, ao sair do temor da infância, o jovem encontra um mundo no qual a competição e o utilitarismo são elementos que aparecem como uma espécie de bússola para suas ações. E então, o que fazer? Como entender a crise e a crítica? Como superar o discurso da crise? Família, escola, governo, igreja, partidos políticos, em todas essas instâncias organizativas se ouve ou se vê a fala da crítica ou o anúncio da crise. Como administrar tudo isso? Como nos sentimos chamados a reavaliar nossos critérios éticos, nossas crises pessoais e sociais? E a vida? Como nos portamos diante dela? Também temos medo da velhice, da solidão, da doença, da miséria.

E a gestação do futuro?

E o partilhar da esperança?

Do ponto-de-vista da norma moral, o sujeito forma hábitos, como resultado do cumprimento de regras adquiridas, ao longo de sua experiência familiar e coletiva. Tanto o hábito quanto o caráter são, pois, conquistas, não são inclinações naturais. A inclinação humana é baseada mais no prazer, no fazer o que se gosta e nem sempre fazer o que é preciso, o que é necessário.

Nesse sentido, podemos perguntar: até que ponto a Ética é bem vista na sociedade? Em que medida o sujeito se liberta da natureza e se acomoda na cultura? Parece que o homem primitivo era um feliz ignorante, submetido à ordem das necessidades, o homem da natureza, do instinto. E parece que o homem da cidade,

pertencente ao corpo político, cumprir das normas sociais é um infeliz cercado na sua liberdade: o homem das leis. Será assim? Como resolver o problema das nossas ambivalências, nesse momento de progresso tecnológico, em que a humanidade não usa mais o arado, substituindo-o pela máquina? Qual o espaço da ética na contemporaneidade?

Essas situações novas são responsáveis pelo aumento do espaço da ética na sociedade contemporânea. Porque irão demonstrar que as análises comportamentais não se darão apenas na esfera privada ou grupal e, sim, na esfera pública, societária. Cada ação dos sujeitos sociais, hoje, tem repercussão significativa, a partir da informatização do mundo. A ética deixou de ser um assunto reservado a especialistas e passou a ocupar todos os espaços, de todas as profissões, nas concentrações de grupos, nos debates da mídia, etc. Da ecologia à engenharia genética, do aborto ao homossexualismo, da administração pública ao rito religioso, tudo passou a ser interessante para o debate ético.

As conjunturas históricas relativizaram os valores éticos. A moral do imperativo da lei perdeu sua validade, a não ser numa situação de vigilância. O formalismo da lei tornou-se distante da realidade social contemporânea. As inovações da cultura e da ciência produziram novos conteúdos para a lei, que assim sofre as alterações históricas, até mesmo necessárias, se pensarmos na escravidão, no isolamento social das mulheres e das crianças, no poder absoluto dos patrões sobre os empregados, etc.

Qual pronunciamento podem fazer a ética e a educação sobre essa realidade atualíssima da crise de valores morais? Qual a raiz da violência? É natural ou é cultural? O que interfere para o procedimento violento? As condições educativas? As circunstâncias sociais? As experiências familiares?

Quando ocorre a crise do ethos cultural, perdem-se as raízes da cultura e isso implica a ausência de espaços críticos e a ausência de perspectiva. Nessa circunstância, o ser e o aparecer da educação podem ser coincidentes, como sinais de crise. Não ocorre o mesmo, no entanto, quando, na pregação positivista, o interesse instrumental de um certo pragmatismo, cujos vértices obstruem o alargamento das propostas educacionais, reduz a possibilidade da pedagogia do conflito, para facilitar a pedagogia da conciliação. Ocorre-nos pensar, então, que a simples descrição de formas educacionais não indica os desafios éticos do processo educativo. Antes, incide na repetição, no mimetismo, na mera reprodução, estando ausente o impulso criador do sujeito.

Qual é o papel da educação? Que alternativas ela propõe? Como superar uma espécie de desânimo que toma conta do imaginário dos envolvidos com a educação, se pensarmos a relação trabalho-desemprego, ambiente-sustentabilidade, cultura-diversidade, nova geração-oportunidades? Cada país

pode descobrir seus problemas e começar o enfrentamento. Esse é um desafio necessário para superar o mero discurso da crise.

Há uma queixa contínua entre os protagonistas do processo educativo a respeito da forma como se desenvolve o seu trabalho, no sentido do pouco reconhecimento. Toma a forma de denúncia, de indiferença ou de desespero. Assim se expressam as subjetividades.

Uma filosofia que considere a subjetividade em todas as suas nuances indicará para a educação procedimentos de conhecimento, além dos determinismos doutrinários. Produzirá um saber que considere a educação como processo de construção do conhecimento com significações valorativas. Um saber com sabor de vida.

O pressuposto é que, não sendo estático e imobilizado, no seu cotidiano, o sujeito não pode ser vítima de um postulado teórico-prático, que o inviabilize como dinâmica e o situe numa condição de subalternidade. Daí, a relevância da crítica para entender a crise.

3. O Desejo de Felicidade

A ética é uma busca pela felicidade, pensava Aristóteles, ao afirmar que o bem é o polo para o qual todas as coisas se inclinam. Eudaimonia é o desejo de felicidade; esse ideal grego se traduz numa busca ética possível.

A Educação teve que se envolver com tudo isso para participar da historicidade, que está sendo edificada. Mudam discurso e prática. Dá-se uma mudança de valores em ações educativas e procedimentos científicos. Para a educação se colocam questões, como: está a Educação a questionar seus pressupostos?! Ou está procurando se envolver apenas com o cotidiano de um sistema?! O que modifica discursos? O que altera ritmos? O que deixa morrer símbolos? Novas práticas, novas racionalidades respondem por essas mudanças.

O desejo de felicidade é inerente à condição humana e impulsiona mudanças. Esse é um pronunciamento ético que se amplia por toda esfera da vida prática. Os sujeitos organizaram-se socialmente para construir uma vida boa, a melhor possível, com a intenção de atingir a felicidade. O sujeito é o autor de suas escolhas; ao fazê-las, estabelece configurações éticas, afirmando princípios que o leve a realizar-se e a realizar-se com os outros.

Há estudos que comprovam que família e amigos são os dois ingredientes necessários para que o sujeito se sinta feliz. A fortuna, nas mais variadas representações, vem em um segundo momento, seja ela ligada ao saber, à saúde, ao êxito, ao poder, à riqueza material propriamente dita – o acúmulo de bens – mas, tudo isso se vincula a uma escolha inicial do sujeito que é livre para exercer sua autonomia no privado e no público.

Não existe um determinismo que possa reduzir as escolhas humanas a uma dimensão linear. Nunca haverá um desenvolvimento contínuo na lógica dos valores escolhidos pelos sujeitos, dado que a vida os toca e, nessa dinâmica, as mudanças se produzem, verificando-se acúmulos e perdas.

Essa dimensão de sentido influencia o estágio da evolução humana, enquanto progressão com rupturas, ou seja, não há uma perplexidade na lógica das escolhas éticas e morais, na medida em que os desafios da vida em sociedade engendram novos conteúdos de valor, portanto novas escolhas, em vista de alternativas possíveis e desejáveis para a vida feliz.

Quais são as alternativas éticas para se pensar a educação?

O que motiva os educadores?

O que movimenta e dinamiza os saberes?

As ações, cujos fundamentos de razões incidem em projetos éticos e educativos, serão validadas, ou não, se encontrarem terreno nas intersubjetividades, já mergulhadas no processo-fenômeno conhecido como globalização.

É o perfil desse tempo, do século XXI, sendo traçado pelo compasso dos temores e das esperanças, cujas bases terão, necessariamente, um pressuposto ético, universal ou não, religioso ou profano, de princípios ou de resultados, individual ou coletivo. É o atestado do microcosmo que nós experimentamos como *subjetividades históricas*, em que se edifica uma racionalidade instrumental ou ética, que sempre será uma racionalidade de subjetividades mediadas pelo permanente ou pelo mutável, pelo contingente ou pelo necessário, pelo que aprisiona ou pelo que liberta, mas subjetividades temporais.

A propósito, podemos entender essa dinâmica, se pensarmos na nossa relação com a vida.

Comte-Sponville demonstra:

Existir é bom; não melhor do que outra coisa; pois existir é tudo, e não existir não é nada. Se assim não fosse, nenhum vivente perduraria, nenhum vivente nasceria. Pensem que uma cor é uma alegria para os olhos. Agir é uma alegria. Perceber é uma alegria também, e é a mesma. Não somos condenados a viver; vivemos avidamente. (SPONVILLE:2000, p. 45)

A vida assim pensada deixa de ser um fardo que se carrega com sacrifício e torna-se uma experiência de humanização, pois nos sabemos todos imperfeitos. Se a vida que os sujeitos organizaram se sustenta em valores comuns, é possível pensar que há um valor no qual todos têm interesse – a vida feliz. Não encontramos sujeito algum que deseje a infelicidade para si ou para seus amigos. Ao contrário, todo sujeito, ao agir, pensa estar agindo para construir uma vida feliz. E a alegria é uma condição para a vida feliz, na cidade, na vida da polis, onde é exercida a cidadania. A ética e a educação fazem pronunciamentos sobre a efetivação da cidadania, ao pensarem no desejo de felicidade dos sujeitos. A cidadania é uma condição da paz e a alegria é condição da cidadania.

Os diálogos possíveis entre ética e educação precisam responder pela dimensão da aventura no homem contemporâneo. Viver é a maior das aventuras. Viver é um desafio ético, é pensar nas utopias, no universo dos desejos.

Os desafios projetam-se, então, na construção de uma razão educativa, cujo pressuposto é uma razão ética, fundamentada no espírito investigador e inquietante dos aventureiros, que ousam lançar suas redes no mar conjuntural desse tempo de globalização para buscarem novos mundos, onde reine o sujeito ético e se possam enfrentar os maus ventos, não como a nau dos insensatos, mas como passageiros do barco da esperança.

Referências:

- COMTE-SPONVILLE, André. **Bom dia, Angústia!** São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- PIRES, Cecília. **Ética da Necessidade e outros desafios.** São Leopoldo:Ed.UNISINOS, 2004.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sanchez. **Ética.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.